Capítulo XI — As dores

> **Sumário.** Os condenados fixados à cruz não com cordas, mas com pregos. Passagens de Artemidoro, de santo Agostinho, de são Crisóstomo, de Molano, de Justo Lípsio. — Número dos pregos. Testemunhos de Inocêncio III, de Lucas de Tui, de Gregório de Tours, de Barônio e de vários outros. Torturas dos crucificados. — O *suppedaneum*. — Altura das cruzes. — Os condenados crucificados nus. — Ignomínia e dores do suplício da cruz. Blasfêmias dos ladrões.

Deixamos os três condenados deitados por terra e estendidos sobre as suas cruzes. Os carrascos começam a sua cruel operação. Ouvi as marteladas que ressoam sobre os pregos patibulares. Com efeito, era com pregos, e não com cordas, como querem fazer crer certas pinturas, que os crucificados eram presos ao instrumento de suplício: o uso era geral. *«A cruz — diz um autor pagão — compõe-se de duas coisas: madeira e pregos.»*[1]

Santo Agostinho, tão bem instruído dos costumes da Antiguidade, exprime-se nestes termos:

> *Os infelizes presos à cruz com pregos sofriam longamente; suas mãos estavam fixadas com pregos, e os pés, transpassados. O bom Ladrão tinha o corpo trespassado de pregos, mas a sua alma estava intacta e a sua inteligência não estava crucificada.*[2]

Mesmo testemunho em são Crisóstomo:

> *Como não admirar o bom Ladrão que, transpassado de pregos, conservava toda a sua presença de espírito?*[3]

Assim falam todos os órgãos da tradição. Para evitar prolixidade, omitimos as suas palavras.[4] O uso dos pregos na crucificação era tão invariável que o douto Gretser conclui: *«A crucificação não se pode compreender sem os pregos.»*[5]

Qual era o número dos pregos? Foi o mesmo para os ladrões e para Nosso Senhor. Nada autoriza a supor o contrário. Ora, a tradição dos antigos Padres nos diz que Nosso Senhor foi preso à cruz com quatro pregos: dois nas mãos e dois nos pés. Lucas de Tui, chamado o Salomão da Espanha,

refere e comenta a seguinte passagem de Inocêncio III:

> *Quatro pregos transpassaram o Salvador. É o testemunho desse grande vigário de Deus, doutor da Igreja, martelo das heresias, Inocêncio III: "Houve — diz ele — na Paixão de Nosso Senhor quatro pregos, que serviram para fixar os pés e as mãos." Que há de mais autorizado do que esse testemunho? Que há de mais verdadeiro do que estas palavras, descidas do trono de Deus, isto é, da Igreja romana, pela boca sagrada do Pai de todos, Inocêncio?*[6]

Representar Nosso Senhor e os ladrões presos à cruz com três pregos é, pois, contrário à antiga tradição e até à razão. Como furar com um só prego os dois pés sobrepostos? Mesmo para carrascos, a operação parece difícil. Ao contrário, concebe-se sem custo com quatro pregos. Os pés, postos de plano sobre o *suppedaneum*, podiam ser facilmente transpassados e solidamente fixados com os pregos patibulares. Esses pregos, de que Roma conserva uma preciosa amostra, eram de forma quadrada, longos de cerca de cinco polegadas, de grossura proporcionada e de cabeça de cogumelo.

Cravados a grandes marteladas, atravessam de lado a lado as mãos dos condenados. As membranas, as veias, as fibras, os ossos, os músculos, todos os tecidos nervosos, sede da sensibilidade, são dilacerados e esmagados. O sangue escapa-se a borbotões; sentem-se inexprimíveis dores. Das mãos passa-se aos pés. Estendidos até o *suppedaneum*, contra o qual batem, os pés são, como as mãos, perfurados de lado a lado e fixados à cruz. As contorsões e os gritos das vítimas entristecem ou alegram os espectadores.

Acabamos de nomear o *suppedaneum*: é preciso dizer o que era.

Suspender um corpo humano somente por quatro pregos, dois dos quais atravessavam a palma das mãos, não oferecia bastante solidez. Arrastada pelo peso, a parte superior das mãos podia fender-se em duas e deixar cair o paciente. Prevendo tal perigo, a cruz era guarnecida de um calço, sobre o qual vinha apoiar-se a planta dos pés. Nos antigos autores, esse calço se chama *sedile*, assento; *suppedaneum*, escabelo; *solistaticulum*, pequeno apoio. O papa Inocêncio III fala dele assim:

> *Quatro madeiros compuseram a cruz do Senhor: a haste, a travessa, o calço e o título.*[7]

Pregados para dela não mais descer, em seu leito de dores, os condenados eram erguidos da terra, para que todo o povo pudesse gozar o espetáculo de seu suplício. A cruz, caindo na abertura preparada, imprimia a todo o seu corpo um abalo cujo só pensamento dá calafrio. Cunhas e pregos, vigorosamente cravados, continuavam o doloroso sacolejo e tornavam imóvel a árvore patibular.

Qual era a sua altura? Como vimos, a altura da cruz variava segundo a dignidade do culpado. Contudo, a cruz de Nosso Senhor não parece ter sido mais alta do que a dos ladrões. Santo Agostinho diz que eram todas três semelhantes, e sabe-se que foi preciso, mais tarde, um milagre retumbante para fazer reconhecer a verdadeira cruz.

Uma tradição autorizada dá à cruz do Salvador quinze pés de comprimento, com travessas de oito pés de largura.[8] Essa dimensão nada tem de inverossímil. Supondo a cruz enterrada um pé e meio no solo, a cabeça de Nosso Senhor, e por conseguinte de seus companheiros, ter-se-ia achado a treze pés e meio acima da terra. Pode-se crer que assim era, pois, para alcançar a boca sagrada do Salvador quando disse: «*Tenho sede*», foi preciso adaptar uma esponja à ponta de um caniço.

Quer pela pressa que os judeus tinham de satisfazer o seu cego furor, quer pelo receio de que algum milagre lhes viesse arrebatar a augusta Vítima, quer pelo desejo de fazê-lo passar pelo mais culpado dos três condenados, Nosso Senhor foi crucificado em primeiro lugar, e no cume mais elevado do Calvário, enquanto as cruzes dos ladrões foram plantadas um pouco abaixo. Parece mesmo que os judeus e os soldados, já satisfeitos, só lentamente procederam à crucificação dos dois ladrões.

> *E depois que o crucificárião — diz são Mateus —, repartirão as suas vestiduras, lançando sortes... Pozerão-lhe tambem sobre a cabeça esta inscripção que declarava a causa da sua morte: ESTE HE JESUS REI DOS JUDEOS. Ao mesmo tempo foram crucificados com elle douz ladrões: hum da parte direita, e outro da parte esquerda.*[9]

É provável que eles também tenham tido os seus títulos.[10]

Mas o que não parece duvidoso é que foram, como Nosso Senhor, crucificados nus. Tal era o uso da Antiguidade. Confirma-no-lo esta pilhéria de gosto bastante mau, referida em Artemidoro:

> *Ser crucificado é um bem para o pobre, porque é elevado; é um mal para o rico, porque é crucificado nu.*[11]

Naquele momento desabaram sobre eles torrentes de dores físicas e morais de que nada pode dar ideia.

> *Entre todos os gêneros de morte — diz santo Agostinho — não há nenhum tão atroz como a crucificação. Isso é tão verdadeiro que chamamos cruz e crucificação as dores chegadas ao mais alto grau de intensidade. Pendurados ao madeiro do suplício, tendo pés e mãos furados de pregos, os crucificados*

> *morriam lentamente. Crucificar não era matar: vivia-se muito tempo na cruz. Esse gênero de suplício era escolhido não para prolongar a vida, mas para retardar a morte, a fim de que a dor não acabasse depressa demais.*[12]

Parece, ao contrário, que ela devia acabar logo com a cessação da vida. Como podia o crucificado conservá-la por muito tempo? Nele tudo sofria, e sofria mortalmente. Suspenso sobre quatro pregos, seu corpo, em repouso ou agitado, experimentava pontadas que chegavam ao coração. Espasmos violentos contraíam os músculos e convulsões revolviam as entranhas. A perda do sangue, tornando de minuto em minuto todos os membros mais fracos, tornava-os mais sensíveis à dor. A tantas torturas juntava-se uma sede devoradora, ocasionada pelos ardores da febre. Estar nesse estado com a morte em perspectiva, esperá-la durante longas horas, em meio às censuras e aos sarcasmos de todo um povo, sem encontrar fora um olhar compassivo, sem achar dentro de si um pensamento consolador: adivinha-se o desespero do criminoso impenitente preso à cruz; compreendem-se as suas blasfêmias.

Sem saber a que ou a quem culpar, Dimas e seu companheiro atacam Nosso Senhor. A seu lado veem esse personagem desconhecido, cuja calma inalterável e cujo silêncio contrastam tão fortemente com as suas imprecações e as suas agitações convulsivas. Ouviram dizer que é o Filho de Deus; seu título diz que é o rei dos judeus; em torno dele veem amigos devotados; e, se entre o povo muitos o insultam, há muitos que o choram.

Então, por um sentimento que o excesso da dor explica mas não justifica, censuram-lhe as suas torturas e o tornam responsável por elas: *«o affrontavão de palavras»*.[13] *«Se tu és o Christo, salve-te a ti mesmo, e a nós-outros.»*[14] E repetem contra a inocente Vítima todos os insultos dos sacerdotes, todos os ultrajes dos anciãos do povo:

> *E os mesmos impropios lhe dizião tambem os ladrões, que havião sido crucificados com elle.*[15]

Mas é verdade que os dois ladrões se fizeram eco das blasfêmias lançadas pelos judeus contra Nosso Senhor? São Lucas diz:

> *E hum d'aquelles ladrões, que estavão dependurados, blasfemava contra elle, dizendo: Se tu és o Christo, salve-te a ti mesmo, e a nós-outros.*[16]

Fundados nesse texto, vários Padres pretenderam que só o mau ladrão blasfemara. O maior número é de parecer contrário. Apoiam-se na autoridade de são Mateus e de são Marcos, que acusam positivamente do mesmo crime os dois ladrões. Acabamos de citar as suas palavras. Doutos comentadores levantam a dificuldade.

> *Pode-se dizer — escreve o cardeal Hugo —, e isso é mais conforme à verdade, que no princípio o bom Ladrão blasfemou como o mau; mas que cessou quando Nosso Senhor se dignou visitá-lo em sua misericórdia.*[17]

Outro intérprete, não menos autorizado, Tito, bispo de Bostra, dá-nos, no século IV, a mesma explicação.

> *Por que — pergunta — são Mateus e são Marcos asseguram que os dois ladrões insultaram Nosso Senhor, ao passo que são Lucas só acusa um? No começo os dois ladrões blasfemavam contra Nosso Senhor como os judeus. Faziam-no talvez para se tornarem agradáveis aos judeus e obterem a sua graça, ou ao menos algum alívio às suas torturas; mas, vendo-se frustrados do benefício que esperavam, um dos dois arrependeu-se e exortou em voz alta o companheiro a entrar em si mesmo.*[18]

Seja como for, se o bom Ladrão blasfemou, a sua conversão é tanto mais admirável: vamos narrá-la. É tempo de que ela venha repousar a alma entristecida do espetáculo desenrolado até aqui diante de seus olhos.

Notas

[1] *Ex lignis et clavis crux confecta est.* («A cruz é feita de madeiras e pregos.») Artemidoro, liv. II, cap. LVIII. Em Lípsio, *De Cruce*, cap. IX.

[2] *Clavis confixi diu cruciabantur, manus clavis inhærebant, pedes transfixi erant... In semetipso erat clavis confixus, et non saucium intellectum, neque confixum sensum habebat.* («Fixados com pregos, eram longamente atormentados; as mãos estavam presas pelos pregos, os pés transpassados... Nele mesmo estava trespassado de pregos, e não tinha o entendimento ferido, nem fixado o sentido.») *Enarrat. in Ps. CXVIII*; *Tract. in Joan.* XXXVII.

[3] *Quod mente sana vigilabat, clavorum confixione constrictus, quis poterit non admirari?* («Que velasse com mente sã, constrangido pela cravação dos pregos: quem poderá não admirá-lo?») *Homil., De cruce et latr.*

[4] *Dictos autem latrones clavis fuisse crucibus affixos, non tantum asserunt Aug., Chrysost., Gregor., Alcim., Avit. aliique non-nulli. Sed et idem notum est ex Ruffino et cæteris, Ambros. et Paulin. qui de inventione sanctæ crucis scribunt, qui etiam asserunt patibula hæc ejusdem omnino formæ fuisse cum patibulo Salvatoris nostri.* («Que os ditos ladrões foram pregados às cruzes com pregos, não só o afirmam Agostinho, Crisóstomo, Gregório, Alcimo Avito e alguns outros. Mas isso é também sabido por Rufino e pelos demais, Ambrósio e Paulino, que escrevem sobre a invenção da santa cruz, os quais afirmam também que esses patíbulos eram de absolutamente a mesma forma

que o patíbulo de nosso Salvador.») Molano, *De SS. Imag.*, liv. IV, cap. X. Id. Nicéforo, liv. VIII, cap. XXIX; Teodoreto, *Hist.*, liv. I, cap. XVIII; Abulense, *Paradox.*, III, cap. XXXIV.

[5] *Crucifixio autem sine clavis intelligi non potest.* («A crucificação, porém, não se pode entender sem pregos.») *De Cruce*, liv. I, cap. IX.

[6] *Quatuor clavos in Domini corpore fuisse fixos, magnus ille Dei vicarius, Ecclesiæ doctor, hæresum persecutor, Innocentius III testatur dicens: Fuerunt in passione Domini quatuor clavi, quibus manus fixæ sunt et pedes affixi... Quid hac auctoritate clarius? quid his verbis verius, quæ a throno Dei, hoc est a Romana Ecclesia per os sacrum cunctorum Patris, Innocentii exierunt?* («Que quatro pregos foram fixados no corpo do Senhor, atesta-o aquele grande vigário de Deus, doutor da Igreja, perseguidor das heresias, Inocêncio III, dizendo: Houve na paixão do Senhor quatro pregos, com os quais foram fixadas as mãos e pregados os pés... Que há mais claro do que esta autoridade? Que mais verdadeiro do que estas palavras, que saíram do trono de Deus, isto é, da Igreja romana, pela boca sagrada do Pai de todos, Inocêncio?») Lucas de Tui, liv. II, *Adv. Albigens.*, cap. II; id. Gregório de Tours, *De gloria martyr.*, liv. I, cap. VI; Barônio, ano 34, n.º 118; Orília, cap. VII; Sandini, *Hist. Fam. S.*, p. 248, etc.

[7] *Fuerunt in cruce Domini ligna quatuor, stipes erectus, et lignum transversum; truncus suppositus et titulus superpositus.* («Houve na cruz do Senhor quatro madeiros: a haste erguida e o lenho transversal; o tronco posto por baixo e o título posto por cima.») Serm. I, *De uno martyr.*

[8] *Vetus traditio habet crucis erectam trabem quindecim, transversarium lignum fuisse octo pedum, vel ut alii dicunt palmorum, cui persuasioni, tempore et publico consensu corroboratæ et inveteratæ, non videtur temere contradicendum.* («A antiga tradição tem que a trave erguida da cruz era de quinze pés, e o lenho transversal de oito pés, ou, como dizem outros, de palmos; a essa persuasão, corroborada e inveterada pelo tempo e pelo consenso público, não parece que se deva contradizer temerariamente.») Gretser, *De Cruce*, liv. I, cap. I.

[9] Mt 27, 35-38.

[10] Ver Palat., *Enarrat. in Joan.* XIX.

[11] *Crucifigi bonum est pauperi, quia sublimis est crucifixus; noxium vero diviti, quia nudi crucifiguntur.* («Ser crucificado é bom para o pobre, porque o crucificado fica elevado; nocivo, porém, para o rico, porque os crucificados o são nus.») Liv. II, cap. LXXXVIII.

[12] *Illa morte pejus nihil fuit inter omnia genera mortium. Denique ubi dolores acerrimi exagitant, cruciatus vocatur, a cruce nominatus. Pendentes enim in ligno crucifixi, clavis ad lignum pedibus manibusque confixi, producta morte necabantur. Non enim crucifigi hoc erat occidi: sed diu vivebatur in cruce, non quia longior vita eligebatur, sed quia mors ipsa protendebatur, ne dolor citius finiretur.* («Entre todos os gêneros de morte nada foi pior do que essa morte. Por fim, quando dores acerbíssimas atormentam, chama-se cruciatus, nome tirado de cruz. Pendentes, com efeito, no madeiro, crucificados, fixados ao madeiro com pregos nos pés e nas mãos, eram mortos com a morte prolongada. Pois ser crucificado não era isto: ser morto; mas vivia-se muito tempo na cruz, não porque se escolhesse vida mais longa, mas porque a própria morte era protraída, para que a

dor não acabasse mais depressa.») *In Joan.*, Tract. XXXVI, n.º 4, *Opp.*, t. III, p. alt., p. 2054.

[13] Mc 15, 32.

[14] Lc 23, 39.

[15] Mt 27, 44.

[16] *Unus autem de his qui pendebant latronibus blasphemabat eum dicens: Si tu es Christus, salva temetipsum et nos.* Lc 23, 39.

[17] *Potest dici et melius, quod primo convitiatus est cum alio latrone, sed Christo Domino miserante visitatus est, et pœnituit.* («Pode-se dizer, e melhor, que primeiro injuriou com o outro ladrão, mas, por misericórdia de Cristo Senhor, foi visitado e arrependeu-se.») *In Matth.* XXVII.

[18] *Cur Mathæus et Marcus utrumque latronem convitia in Christum detorsisse asserunt, Lucas vero alterum tantum? Initio uterque latro æque ac cæteri Judæi Christo insultabat; forsan quod hac ratione gratiam illorum emeriti, venia potirentur, vel aliquod saltem pœnarum levamentum consequerentur. Postea vero quam beneficio quod a Judæis expectabant sese frustratos viderunt, alter e latronibus resipuit, sociumque ut una resipisceret graviter admonuit.* («Por que Mateus e Marcos afirmam que ambos os ladrões lançaram injúrias contra Cristo, e Lucas, porém, só um? No início cada um dos ladrões insultava Cristo tanto quanto os demais judeus; talvez para que, por esse meio, merecendo a graça deles, alcançassem perdão, ou ao menos conseguissem algum alívio das penas. Depois, porém, que se viram frustrados do benefício que esperavam dos judeus, um dos ladrões voltou a si e advertiu gravemente o companheiro a que também voltasse a si.») *In Luc.*, XXIII.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:39:58 by Admin
Updated 25 November 2026 00:39:58 by Admin